



Apontamentos sobre erotismo e sagrado na religião tradicional Iorubá*

Ronilda Iyakemi Ribeiro
Universidade Paulista (UNIP)
iyakemi@usp.br

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i3.1574>

* Estudo parcialmente financiado pela Universidade Paulista – UNIP.

Resumo: Tendo por tema principal Apontamentos sobre Erotismo e Sagrado na Religião Tradicional Iorubá, este texto foi organizado em cinco sessões: (I) Erotismo; (II) A Religião Tradicional Iorubá; (III) Encantamento e fascínio do transe; (IV) Rituais de casamento entre divindades e humanos e (V) A busca existencial e espiritual de frequentadores das Casas de Axé. Na construção do texto foram utilizadas contribuições teóricas de Awolalu, Bataille, Braudrillard, Fernandes, Rodrigo Frias, Ribeiro, Sálami e Valença, bem como fragmentos da Sabedoria Veda. Foram enfatizadas a dinâmica estabelecida entre divindades e humanos em rituais religiosos africanos, com especial destaque à imaginação e à fantasia no processo epistêmico propiciado por esses rituais. Reconhecido o relevante papel reservado à sedução no erotismo, foi assinalado o risco de ser o erotismo despojado de seu caráter místico e sagrado e reduzido à condição de lubricidade, devassidão e lascívia. Coloca-se, finalmente, a questão da busca existencial e espiritual de frequentadores das Casas de Axé.

Palavras-Chave: Erotismo e sagrado, Imaginação, Orixás, Oduduwa Templo dos Orixás, Religião Tradicional Iorubá.

Notes on eroticism and sacred in the traditional Yoruba religion

Abstract: With the main theme *Notes on Eroticism and Sacred in Yoruba Traditional Religion*, this text was organized into five sessions: (I) Eroticism; (II) The Yoruba Traditional Religion; (III) Enchantment and trance's allure; (IV) Marriage rituals between deities and human beings; (V) The existential and spiritual search of the Axes Houses' regulars. On construction of the text were used theoretical contributions of Awolalu, Bataille, Braudrillard, Fernandes, Rodrigo Frias, Ribeiro, Sàlámì and Valencia, as well as fragments of Veda's wisdom. Were emphasized the dynamics between humans and deities in religious rituals in Africa, with

special emphasis on imagination and fantasy in the epistemic process provided by these rituals. Recognized the important role reserved for seduction in eroticism, it was pointed out the risk of, stripped the Eroticism of your mystical and sacred character, be reduced to the condition of lubricity, debauchery and lasciviousness. There is, finally, the question of existential and spiritual search of the Axes Houses' regulars.

Keywords: Eroticism and Sacred, Imagination, Orishas, Oduduwa Temple of Orishas, Yoruba Traditional Religion.

Para a abordagem do tema *Apontamentos sobre Erotismo e Sagrado na Religião Tradicional Iorubá* este texto foi organizado em cinco sessões: (I) *Erotismo*; (II) *A Religião Tradicional Iorubá*; (III) *Encantamento e fascínio do transe*; (IV) *Rituais de casamento entre divindades e humanos* e (V) *A busca existencial e espiritual de frequentadores das Casas de Axé*. Cabe assinalar de antemão que foram adotadas algumas convenções para esta redação: não grafar em iorubá palavras já integrantes do idioma português; não grafar em itálico nomes próprios e outros vocábulos iorubás de uso corrente no idioma português; utilizar a gramática do idioma português para flexionar tais vocábulos sempre que estiverem em contexto desse idioma.

I. Erotismo

O adjetivo “erótico”, do grego *erotikós* e do latim *ero*, diz respeito ao amor carnal ou sexual; ao sexo e às relações sexuais; ao que é de natureza sexual e àquilo que estimula o desejo sensual ou sexual; tem por sinônimos “carnal”, “concupiscente”, “devasso”, “lascivo”, “libertino”,

“lúbrico”, “salaz”, “sensual”, “voluptuoso”; o substantivo “erotismo” diz respeito à manifestação da sensualidade e da sexualidade nas relações interpessoais e nos espaços socioculturais, variando suas características de sociedade para sociedade. Tratar do erotismo exige, pois, uma delimitação do conceito. Fonte de inspiração na literatura, nas artes e em demais corpos de saberes, o erotismo resulta de processos imaginativos e de específicas elaborações socioculturais de códigos eróticos. É interessante observar com especial atenção o papel reservado à imaginação, faculdade psíquica, nas relações que envolvem, ou supõem, a presença de componentes eróticos ou erotizantes.

Com base nas categorias de interdito e transgressão, propostas por Bataille¹, Valença² reconhece na categoria “erotismo” uma modalidade de caminho epistêmico. Ao reconhecer o erotismo situado na zona fronteira da humanidade com a animalidade, assinala a necessidade de estender o olhar às representações que dele se faz. Reportando-se a Baudrillard³, assinala a possibilidade de subversão de valores sempre que a sedução é associada ao sexo de modo subalterno. Observa que no âmbito da sociedade burguesa, marcada por valores de produção-consumo de bens e pela instantaneidade do visual, a atividade sexual vem sendo frequentemente realizada sem os rituais de sedução que, por sua natureza, deveriam anteceder-lá.

Referente a esse tópico e em meio a considerações sobre o binômio humanidade-animalidade, chamo atenção para os rituais de sedução que integram o processo de acasalamento de diversas espécies animais: eles nos convidam a repensar esse binômio. Nos rituais de acasalamento de aves, por exemplo, vemos o macho do Dançarino-de-cabeça-vermelha, pequeno pássaro da América Central, de plumagem escura e cabeça de um vermelho intenso, seduzir a fêmea dançando sobre galhos de árvores: dá giros e emite sons com o movimento das asas.

Vemos o macho e a fêmea do Albatroz-de-patas-negras dançarem no mesmo ritmo, num processo de mútua sedução. Balançando suas cabeças, levantando as asas, apontando o bico para o céu; o macho da Ave-do-paraíso encanta a fêmea ao erguer as asas em forma de leque e saltitar ao redor dela produzindo sons com o bater das asas. Assistimos, admirados, o Pavão macho fascinar a fêmea exibindo belíssima cauda, que chega a alcançar até 60% do tamanho de seu

¹ BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&M, 1987.

² VALENÇA, Ana Maria Macêdo. Um olhar sobre o erotismo. *Rev. Bras. de Sexualidade Humana*, vol.5, n. 2, jul – dez 1994. Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana – SBRASH, pp. 147-159.

³ BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. 7 ed. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas, SP: 1991, p.51.

corpo; o Tetraz-silvestre, espécie de galinha selvagem da América do Norte, inflar o peito e emitir sons sedutores; os machos do Flamingo-andino, aves monogâmicas, dançando em grupo, muito próximos uns dos outros, com os pescoços erguidos e as cabeças girando incansavelmente de um lado para outro. Que fêmeas poderiam resistir a tais encantos, a tais recursos de sedução, encantamento e fascínio?

E o outro polo do referido binômio? Nos ritos de acasalamento humano nem sempre a sedução desempenha papel essencial. Valença assinala, por exemplo, que a frequente relevância atribuída ao sexo como instância autônoma, inteiramente desvinculada de rituais de sedução, reserva ao corpo a mera condição de mercadoria que, devidamente produzida e embalada, é exibida a prováveis consumidores.

Bataille propõe que o erotismo não seja reificado e sim entendido como experiência de intimidade, de algo “que está profundamente em nós”⁴ e o reconhece como modalidade epistêmica que, de modo análogo ao da religião, pressupõe processos de interdição e transgressão. Assim, a experiência erótica favorece a apreensão de conhecimentos, não sendo fácil precisar, no entanto, a natureza do saber obtido por meio desse recurso.

É ainda Bataille que contrapõe a noção ontológica de descontinuidade à de continuidade: o abismo entre os humanos determina o isolamento de cada ser no âmbito da própria individualidade e essa descontinuidade, responsável pela nostalgia de uma continuidade perdida, comanda a manifestação possível de três formas de erotismo: o dos corpos, o dos corações e o do sagrado. Todas essas formas têm o propósito de substituir o sentimento de isolamento (descontinuidade) pelo sentimento de profunda continuidade.

Assim, ultrapassar determinada ordem de conhecimento para alcançar outra, ultrapassar o descontínuo para conquistar a continuidade, exige a dissolução do ser que, constituído na descontinuidade, mergulha na luminosa continuidade proporcionada pelo saber erótico ou pelo saber místico. As experiências erótica e mística são semelhantes e mesmo equivalentes e há nisto um paradoxo: se por um lado o temor à morte induz à preservação da descontinuidade, por outro lado, permanece em cada indivíduo o sentimento nostálgico da continuidade perdida, o que conduz ao desejo de dissolução do ser.

⁴ BATAILLE, Georges, 1987, Op. cit., p. 153.

A continuidade revelada ao ser descontínuo, seja por meio do erotismo ou do ato místico, é o sagrado, que se opõe ao profano, próprio da descontinuidade. Decorre disso a diluição de possíveis diferenças entre o erotismo dos corpos, do coração e do sagrado e chega-se à conclusão de que todo erotismo é sagrado. Portanto, Bataille considera a experiência erótica “vizinha da santidade”.

Reportando-nos novamente a Baudrillard, que enfatiza o papel da sedução no processo erótico, e antes de prosseguirmos com reflexões sobre o que compete à imaginação e à fantasia nesse processo, convém nos determos no significado das palavras atração, sedução, fascinação e encantamento.

No contexto das interações humanas, entende-se por “atração” o especial interesse de uma pessoa por algo ou alguém; por “atrair”, a ação de tornar próximo, de conquistar a atenção; por “atraente”, algo ou alguém que estimula forte interesse e produz fascínio. Por “sedução”, o processo de conquistar a admiração, o amor, o desejo de outrem. Conhecemos na literatura e no cinema nobres Vampiros que jamais invadem a privacidade de suas vítimas: seduzindo-as, são convidados por elas a ingressar em sua intimidade. Por “fascinação” entende-se o processo de atrair, cativar, deslumbrar; “fascínio” é a qualidade ou poder de exercer atração irresistível, de produzir sensação de deslumbramento, de enlevo. Por “encantamento” entende-se deslumbramento, o efeito de encantos pessoais sobre alguém, a produção de enlevo, a sujeição a um poder de sedução. Encantar é fascinar, atrair, cativar, magnetizar, enfeitiçar por meio de objetos ou de enunciados orais.

Ao tratar de erotismo, sedução e sagrado, Lucchesi⁵ observa que os atos de seduzir, fascinar, encantar, podem ser motivados por intenções edificantes, como no caso de lideranças servidoras, que fascinam pequenos grupos ou multidões, mas podem, também, ser motivados por intenções malévolas, como no caso de serpentes que encantam os pássaros que pretendem devorar.

Isso nos permite compreender que atração, sedução, fascinação e encantamento podem estar relacionados a dinamismos da ilusão. Por isso a abordagem do tema central deste artigo pode beneficiar-se da inclusão de considerações relativas às funções psíquicas imaginação e

⁵ LUCCHESI, Ivo, apud SILVA, Roniê Rodrigues da. O erotismo, a sedução e o sagrado em fundador de Nélide Piñon. *Revista Estação Literária*. Londrina, Vol. 13, p. 92-102, jan. 2015.

fantasia. A tênue fronteira entre essas funções do psiquismo, bastante consideradas pela Sabedoria Veda, nos é descrita por Zolla⁶, conforme enunciado a seguir.

A Sabedoria Veda, registrada em Escrituras, Puranas, Épicos, Upanishads, Sutras; Ciências Auxiliares e Comentários, ao tratar da faculdade de apresentar imagens à mente, diferencia imaginação de fantasia. Esse corpo de sabedoria concebe a existência de uma realidade em si, acessível pela imaginação, faculdade psíquica que possibilita o contato com imagens cósmicas, integrantes do imenso reservatório de formas puras, ou seja, de arquétipos, ideias originais de tudo o que existe no plano físico.

Os homens, movidos pelas imagens que os habitam, pronunciam palavras e realizam atos determinados por sua imaginação. A matéria é a cera – transitória e de aparência ilusória - na qual, como sinetes, as imagens são impressas. Ocorre frequentemente que elementos do mundo da imaginação cósmica, opacos reflexos da verdade, de fato, simulacros enganosos dotados de efeitos fascinantes, seduzem os humanos que, inebriados, iludem-se supondo estarem acessando a Verdade.

Por meio da função imaginativa é possível ser conduzido da aparência mundana à imaginação cósmica, “princípio dos princípios”, âmbito no qual não há formas. O caminho da sabedoria conduz do espaço para o tempo, diz a sabedoria védica, das coisas tangíveis aos arquétipos imateriais e as liturgias foram criadas para que possamos tocar, ainda que de leve, as Origens, a Unidade.

Durante o estado de vigília a imaginação, istmo entre ilusão e verdade, tanto pode modelar imagens com matéria prima fornecida pelos sentidos, quanto pode voltar-se para o íntimo do humano, fonte de luz. Assim, é possível buscar o Conhecimento, mas também é possível perder-se para ficar perambulando entre imagens do estoque de memórias, usufruindo as imagens em si mesmas, sem o intuito de conhecer por intermédio delas. Voltar-se para o íntimo do humano pode propiciar uma visão inspirada (imaginação) ou uma quimera (fantasia), a primeira dirigida ao mais alto propósito e a outra, à degradação espiritual.

A fantasia quimérica é prejudicial mesmo se, e especialmente quando, a intenção fica restrita ao “brincar” com as imagens. Ora, imagens, entes vivos, exercem influência e a mais

⁶ ZOLLA, Elemire. *The uses of Imagination and the decline of the West*. Ipswich, Golgonooza Press, 1978.

inocente fantasia quimérica ao aderir ao mundo externo expõe a pessoa a forças instintivas indesejáveis. O construtor de quimeras torna-se, mais e mais complacente com o próprio impulso de fantasiar e isso o faz medroso, hesitante, inseguro, lento nas reações e na tomada de decisões.

Não se dá conta do mal que trama, não se apercebe da necessidade de remover imagens involuntárias e afastar-se do deleite das quimeras para poder fazer bom uso das imagens. De um inveterado construtor de quimeras será exigido enorme esforço de vontade para o abandono desses hábitos, indesejáveis para aqueles que pretendem trilhar o caminho do Conhecimento. Por outro lado, em estado de quietude, a imaginação substitui a fantasia quimérica e coloca a si mesma no âmago das coisas, em contato com arquétipos. Os amantes da Verdade têm como tarefa preliminar o abandono das fantasias para experimentarem nuances da vida imaginativa.

Estes fragmentos do Saber Veda nos convidam à reflexão sobre atitudes, comportamentos, responsabilidade e compromisso de cada humano, religioso ou não, com o cultivo das imagens que o habitam. Praticantes das diversas religiões, entre as quais as africanas e afrodiáspóricas, se amantes da Verdade, devem atentar ao fato de que as liturgias propiciam tanto o cultivo da imaginação quanto o da fantasia. Se amantes da Verdade, deles se exige que permaneçam em estado de alerta para não serem surpreendidos por forças subjetivas contrárias ao propósito de conhecer para libertar-se.

Tendo tecido considerações sobre erotismo, sedução, imaginação e fantasia, discorro a seguir sobre a religião tradicional iorubá para, em seguida, tratar de particularidades do erotismo nesse universo religioso.

II. A religião tradicional iorubá

A religião tradicional iorubá integra o conjunto de religiões tradicionais africanas. Awolalu⁷ afirma ser a religião o principal fator na vida da maioria dos africanos, integrando todos os aspectos de seu cotidiano, não podendo por isso, ser estudada fora do contexto existencial desses indivíduos.

⁷ AWOLALU, Joseph Omosade. What is African Traditional Religion? *Studies in Comparative Religion*, Vol. 10, No. 2. (Spring, 1976). Disponível em: <www.studiesincomparativereligion.com>. Acesso em: 16 set. de 2016.

Falar de Religião Tradicional Africana (RTA) significa reportar-se a concepções, crenças e práticas diárias dos africanos, cujas formas divergem em padrão e intensidade daquelas que nos são familiares no contexto ocidental. Embora muitos africanos tenham abraçado outras religiões, entre as quais o Cristianismo e o Islamismo, nem todos abandonaram convicções e práticas tradicionais.

A palavra “tradicional” remete ao significado de “nativo”, “autóctone”, “de fundamento”. Refere-se a conhecimentos transmitidos oralmente de geração em geração, preservados e praticados por africanos no presente. Essa herança do passado não é considerada “coisa do passado”, e sim, elo de conexão do passado com o presente e com o futuro, na esteira da eternidade. Awolalu alerta ao fato de as religiões tradicionais não serem fósseis: são vivas, pulsantes, vibrantes, praticadas no presente.

Por estar exposta a múltiplas influências da vida moderna, a RTA não permanece estanque, imutável, apesar de alguns de seus adeptos, mais conservadores que outros, resistirem à influência de modernismos impostos pela colonização.

Awolalu escolhe deliberadamente o uso do termo “religião tradicional africana” no singular porque a despeito das muitas diferenças observáveis no continente africano, tão amplo, lugar de imensa quantidade de grupos étnicos, com suas culturas complexas e inúmeros idiomas, há semelhanças básicas entre os sistemas religiosos. Em todos esses sistemas concebe-se um cenário espiritual habitado pelo Ser Supremo, Divindades e Ancestrais divinizados. E, embora cada localidade cultue as próprias divindades, realize festivais religiosos específicos e tenha designativos próprios para o Ser Supremo, o mesmo padrão religioso é compartilhado por todos.

Baseada principalmente na transmissão oral, a RTA não possui fundadores nem reformadores; não é uma religião organizada em torno de um único herói, não realiza proselitismo. E embora considerada por muitos como politeísta, de fato não o é. O status do Ser Supremo é distinto do status das divindades, cuja origem pode ser descrita, cujos atributos podem ser representados simbolicamente, cujo poder é limitado e cuja existência é devida ao Ser Supremo, o Único. Mbiti⁸, referindo-se aos baongo, diz que esse grupo descreve de modo muito

⁸ MBITI, John Samuel apud AWOLALU, Joseph Omosade, op. cit., p. 16.

simples a auto-existência do Ser Supremo ao dizerem: “Ele não foi criado por outro, não houve outro antes d’Ele”.

De acordo com Sàlámì e Ribeiro⁹, neste contexto insere-se a Religião Tradicional Iorubá, cujo panteão de divindades é integrado por Orixás e Ancestrais Divinizados. Um grande número de seres espirituais habita a dimensão suprassensível: Orixás, associados à Criação, relacionados à natureza, cujo axé advém de emanções diretas de Eledunmare e Ancestrais Divinizados (Veneráveis), pertencentes à história humana, à estrutura e dinâmica da sociedade. Os Ancestrais Veneráveis masculinos têm sua instituição na Sociedade Egungun e os femininos, agrupados no coletivo das *Iyami*, têm sua instituição nas Sociedades Geledé e Egbé Eleeko. Enquanto os Orixás representam um valor e uma força universais, Egungun e Iyami representam valores restritos a determinados grupos familiares ou linhagens. Os Orixás definem a pertença do ser humano à ordem cósmica e os Ancestrais, a determinado grupo social. Os Orixás regulam as relações com o sistema como totalidade; Egungun e Geledés, as relações sociais, a ética e a disciplina moral do grupo.

Comparando a afrodiáspora brasileira com a cubana, Diaz e Ribeiro¹⁰ assinalam expressivas diferenças devidas a fatores históricos, entre as quais, o fato de não haver no Brasil, como há em Cuba, “famílias de babalaôs” bem estruturadas. A prática do *erindilogun*, jogo de búzios, adotada por babalorixás e ialorixás, é regular, frequente e abrangente nos dois países, não ocorrendo o mesmo com as consultas a Ifá-Orunmilá, realizadas exclusivamente por babalaôs. Enquanto em Cuba, como no continente de origem, esse recurso ocupa lugar central, no Brasil, embora venha se ampliando, seu uso ainda é bastante restrito.

Não é demais lembrar que na hierarquia sacerdotal os babalaôs, sacerdotes de Ifá-Orunmilá, a divindade da sabedoria, ocupam o mais alto posto. Babalorixás e ialorixás, respectivamente, sacerdotes e sacerdotisas dos demais Orixás, reconhecem essa hierarquia e por isso respeitam e reverenciam os babalaôs. Nas três últimas décadas observa-se no Brasil um

⁹ SÀLÁMÌ, Síkírù (King); RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Exu e a ordem do universo*. 2 Ed. São Paulo: Oduduwa, 2015.

¹⁰ DIAZ, Ricardo Borys, RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. Ifá-Orunmilá em Cuba e no Brasil. In: PINTO, Elisabeth (org.). *Religiões, Tolerância e Igualdade no Espaço da Diversidade* (Exclusão e inclusão social, étnica e de gênero). São Paulo: Fala Preta! Organização de Mulheres Negras, 2004. Sobre esse fato, de vital importância na organização religiosa de matriz iorubá, não me detenho no presente contexto. Cabe observar que Diaz é babalaô cubano e Iyakemi, ialorixá brasileira.

movimento crescente de introdução aos conhecimentos de Ifá-Orunmilá, cujos principais atores são babalaôs da Nigéria e, em menor número, de Cuba. O exemplo mais expressivo é, indubitavelmente, o Oduduwa Templo dos Orixás, fundado e liderado por Síkírù Sàlámì, o Babalorixá King, doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Esse sacerdote iorubá traz anualmente a nosso país, além de babalaôs, um expressivo número de babalorixás e ialorixás de Abeokutá, para atender à necessidade de realizar iniciações em Ifá, Egungun, Iyami Oxorongá, Egbé Aragbo, entre outros Orixás, pois, talvez não haja em nosso meio sacerdotes e sacerdotisas brasileiro(a)s com preparo, qualificação e autoridade religiosa suficientes para a realização desses procedimentos litúrgicos.

Por exemplo, o fato de haver em nosso meio um crescente número de babalorixás que se auto apresentam como babalaôs é um fenômeno ainda a espera de estudos. Sendo a iniciação em Ifá-Orunmilá absolutamente insuficiente para a formação de babalaôs, dada a necessidade de um exigente e prolongado preparo teológico, litúrgico e moral para esse exercício religioso, permanece a dúvida: estarão alguns iniciados em Ifá considerando-se babalaôs, sem o devido preparo? Somente pesquisas poderão responder a essa pergunta.

Também merecedor de especial atenção por parte de pesquisadores das religiões afrodiaspóricas, por ser absolutamente *sui generis*, é o fenômeno sócio-religioso observável no Oduduwa Templo dos Orixás, descrito por Ribeiro¹¹ como território de entrelaçamento de religiões brasileiras de matrizes africanas, espaço propício ao diálogo dessas religiões entre si e delas com a Religião Tradicional Iorubá, uma de suas importantes matrizes. O referido entrelaçamento é realizado por meio da ação de lideranças e adeptos de diversas expressões de religiosidade africana reunidas nesse território iorubá, integrado por templos geograficamente situados em duas cidades brasileiras (Mongaguá-SP e Pium-TO), uma nigeriana (Abeokutá, capital de Ogun State) e uma eslovena (Liubliana, capital da Eslovênia).

III. Encantamento e fascínio do transe

¹¹ RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Oduduwa Templo dos Orixás*. Território de entrelaçamento de religiões brasileiras de matriz africana. Publicação eletrônica. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/abhr>>. Acesso em: 22 out. de 2016 e em RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Varandas e vizinhanças: desafios ao diálogo entre religiões brasileiras de matrizes africanas*. Relatório Final de Pesquisa. São Paulo, UNIP, maio 2014.

As religiões tradicionais africanas, entre elas a iorubá, são religiões de transe. E os tranSES fascinam a quem os presenciam, possuem poder de encantamento, estimulam a imaginação e a fantasia. Entendo os tranSES de incorporação de Orixás como oportunidades de encontro do Natural com o Humano: divindades da Natureza “penetram” em corpos humanos e dançam.

Pessoas que presenciam as danças de Orixás incorporados somente a muito custo resistem ao encantamento produzido pela beleza dessas expressões religiosas de tão impressionante valor artístico. Quem nunca viu a dança de Oxum mirando-se em espelho, de Obaluaiê, trêmulo, aproximando-se lentamente dos atabaques, de Ossaim equilibrado em sua única perna, venha ver! Venha para ser encantado.

O transe reedita o processo de penetração da força de Orixás nos iniciados, que deles recebem axés específicos. Lembremos, com Bataille¹², de que modo se comportam em geral os sujeitos masculino e feminino durante a atividade erótica, ou seja, durante o processo de dissolução dos seres: em princípio, a parte masculina exerce papel ativo e a feminina, passivo; a parte passiva, feminina, é dissolvida enquanto ser fechado, descontínuo. Analogamente, durante o transe de incorporação a divindade promove em seu iniciado a vivência de dissolução temporária do ego, de resgate do sentimento de continuidade e de conexão cósmica.

E o que dizer da sedução experimentada por aqueles que presenciam o transe, que “olham” para ele atravessados por movimentos da própria subjetividade, com seus sonhos e ilusões, com os produtos da própria imaginação e/ou da própria fantasia. Ao encantamento produzido pela beleza de rituais que instauram luzes e cores no opaco plano da realidade sensorial, e pela aparência mágica e multimovente desse encontro do divino com o humano, soma-se o encantamento produzido por expressões das próprias divindades, seres transcendentais, evocadas por *orikis* que revelam sua força e beleza. São exemplos disso *orikis* de Oyá (lansã): *Leopardo fêmea que come pimenta crua; Oyá, tão linda, que não se consegue parar de fitá-la; Oyá, charmosa e elegante, mulher bela; A vitalidade de Oyá quando anda é como a do cavalo que trota: Mulher poderosa e forte que possui corpo perfeito; O Grande Vendaval que também sopra suavemente.*

¹² BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&M, 1987, p. 17.

Cabe observar que o fascínio, o encantamento e a sedução produzidos por essas manifestações do sagrado nas religiões africanas e afrodiaspóricas tem poder de atratividade, por vezes alternado com movimentos de esquiva ou fuga: a “perturbação” produzida pela epifania tanto pode fascinar quanto atemorizar, tanto estimular a veneração quanto o temor.

Cores e rumores intensificam-se durante os rituais religiosos, produzindo ressonância na subjetividade de cada participante dessa complexa trama entretecida por divindades e humanos, alguns dos quais atores de cena, outros figurantes, outros meros apreciadores da cena. Atitudes e comportamentos dão a conhecer ou levam a suspeitar efeitos da vivência ritualística na subjetividade de cada pessoa presente. Cada qual levará dali, daquele espaço sagrado, elementos propiciadores de cura e de desenvolvimento, embora o impacto – mais favorável, ou menos favorável – dependa de esforços e de possibilidades pessoais.

IV. Rituais de casamento entre divindades e humanos

Os ritos de iniciação em Orixás são rituais de casamento entre divindades e humanos. Seja um Orixá masculino (Exu, Obatalá, Ogum, Xangô, entre tantas divindades masculinas) ou um Orixá feminino (Nanã, Iemanjá, Oxum, Oyá, Obá, entre tantas divindades femininas), e independentemente da pertença de gênero do(a) iniciado(a), ou de sua orientação sexual, este(a) será chamado iaô (do iorubá *iyàwò*, que significa esposa e que no culto aos orixás designa a pessoa submetida a processo iniciático para tornar-se “cônjuge” de uma ou de mais divindades). Exemplifico com uma breve referência ao ritual de iniciação em Exu.

Sempre que tratamos de Exu, convém tomar certos cuidados para evitar mal entendidos. E, ao particularizar Exu num contexto que privilegia o tema erotismo, os cuidados devem ser redobrados. Esse ser pode ser relacionado ao erotismo? À lubricidade?

Buscando “Um Corpo/Corpus para Exu”, Fernandes¹³ desenha com traços firmes o panorama de possibilidades de entendimento dessa atraente personagem de narrativas orais e escritas, religiosas e profanas. Os movimentos realizados para responder a pergunta “De que Exu

¹³ FERNANDES, Alexandre O. Um Corpo/Corpus para Exu: Nem Eros, nem Tânatos, nem Apolo, nem Dionísio. *Rev. Nures*, Ano VIII, Número 21, maio-agosto, 2013.

se deve tratar, quando em fato são tantos?” o conduziram à descrição de múltiplos seres que, apesar de algumas diferenças, compartilham entre si a mesma denominação e, ousou dizer, a mesma qualidade energética.

Fernandes espreita movimentos do Senhor dos Movimentos, em suas múltiplas expressões: entrevê o Orixá Primordial, participante da criação do Universo, responsável pela ordem, disciplina e organização, divindade veiculadora do axé, grande comunicador das divindades e dos humanos entre si e uns com os outros. Entrevê Exus Catiços de Umbandas e Candomblés; Exus iniciados ou travestidos de Ogum; Exus-demônios de tradições cristãs e islâmicas; Exus *on line, high tech*; cibernéticos, e por aí vai...

Abro parênteses para dizer que o equívoco de confundir Exu com o Demônio das Tradições Cristã e Muçulmana não é produto exclusivamente afrodiaspórico, como suficientemente demonstrado por Rodrigo Frias¹⁴, no Prefácio à obra *Exu e a Ordem do Universo*. Ao relatar dados biográficos de Samuel Crowther, iorubá de Abeokutá que viria a ser líder religioso cristão e responsável pela organização do primeiro Dicionário de Iorubá, Frias dá a conhecer que, ao elaborar os verbetes, Crowther realizou uma faxina étnica e religiosa, que incluiu traduzir Exu por Demônio.

Ao abordar o tema da iniciação em Exu, certamente privilegio o Orixá Primordial Exu, tal como é compreendido pelos iorubás não-convertidos. Abordo um ritual de iniciação em Orixá. Não me refiro a um pacto, passível de ser estabelecido, entre humanos e Exus Catiços ou Pombas-Gira, mortos-viventes, *eguns* (espíritos de pessoas falecidas) e não são Orixás.

Nesse cenário olho com especial atenção para o Orixá Primordial Exu, aspirando (re)conhecer nele, com base em minha prolongada convivência religiosa e acadêmica com esse ser, atributos de erotismo e/ou de lubricidade.

Inúmeras vezes tive oportunidade de identificar traços de lubricidade em Exus Catiços e Pombas-Gira, incorporados em cerimônias de distintas religiões brasileiras afrodiaspóricas. As manifestações desses mortos viventes, humanos já-idos¹⁵, que ao incorporarem narram episódios de suas experiências pregressas na condição de humanos dotados de corpo físico, diferem

¹⁴ FRIAS, Rodrigo Ribeiro. Prefácio à 2ª Edição. In SÀLÁMÌ, Síkírù (King); RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Exu e a ordem do universo*. 2 Ed. São Paulo: Oduduwa, 2015.

¹⁵ As denominações *mortos-viventes* e *humanos já-idos* são utilizadas em lugar de *mortos* indicando que após a morte do corpo físico os seres humanos permanecem vivos em outra dimensão .

radicalmente das manifestações da divindade Exu, Orixá (e não ser humano), quando incorporado em seus iniciados.

Sou testemunha de que durante a incorporação de divindades, antepassados veneráveis ou mortos vivos, o encantamento se faz presente. No caso de incorporação de Orixás e de Ancestrais Veneráveis, sua nobreza não deixa espaço à lubricidade: Erotismo, sim; lubricidade, não.

Sua condição nobre não cede campo a expressões de animalidade. Nesse sentido, cabe assinalar um elemento frequente na incompreensão da verdadeira natureza desse Orixá, representado, muitas vezes, como um ser dotado de imenso falo, expressão de seu poder fecundador. Sabemos que a fecundidade, em absolutamente todos os seus aspectos, integra o conjunto dos quatro principais valores iorubás (longevidade, fecundidade, prosperidade e paciência). Mas o poderoso falo de Exu pode ser acanhadamente, mesquinamente, interpretado como indicador de sua inclinação à lubricidade, materialidade, devassidão, lascívia, libertinagem, voluptuosidade. Essas possibilidades de interpretação do símbolo fálico em Exu sempre me remetem a um dito popular chinês: “Um homem *aponta* para o céu. O sábio olha para o firmamento e o tolo, *para o dedo*”.

Para ilustrar o que acabo de afirmar retomo o tema dos rituais de casamento entre divindades e humanos e reproduzo a seguir um excerto da obra *Exu e a Ordem do Universo*¹⁶, particularizando a descrição do procedimento do banho durante o processo de iniciação nesse Orixá.

Terminado o banho, o iaô retorna ao quarto sagrado enrolado num lenço branco, com a cabeça coberta com tecido branco, e é sentado novamente sobre o pilão ou apoti. Sua cabeça é raspada, simbolizando a aliança estabelecida com o orixá através do ritual. O cabelo cortado é colocado diante do assentamento de Exu como oferenda, o que expressa a entrega pessoal e serve de recurso para fortalecer a conexão entre a divindade e seu iniciado.

Concluído o ritual de iniciação, o iaô, agora dotado de nova identidade, inaugura uma nova e promissora etapa em sua vida. Conservar e desenvolver o axé recebido durante esse ritual dependerá, em boa parte, do respeito que tiver para com as interdições recomendadas e de

¹⁶ SÀLÁMÌ, Síkirù; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi, 2015, Op. cit., p.194.

atitudes de compromisso e lealdade para com o próprio Ori e para com o Orixá ao qual foi consagrado.

V. A busca existencial e espiritual de frequentadores das Casas de Axé

O que se busca na Religião Tradicional Iorubá e em outras religiões africanas e afrodiáspóricas? O que se busca em Casas de Axé? A participação em rituais religiosos africanos e afrodiáspóricos possibilita a formulação de questões de cunho existencial e espiritual? Esse percurso religioso conduz, ou pode conduzir, ao conhecimento da Verdade? Estimula o desenvolvimento da solidariedade? Torna melhores, mais solidários, os adeptos dessas religiões?

Propicia oportunidades para o cultivo de imagens arquetípicas? As práticas litúrgicas, impregnadas de erotismo e de sagrado, favorecem a realização do propósito de percorrer o caminho do Conhecimento enquanto recolhidos em processos iniciáticos ou quando dançando com Orixás e Ancestrais Veneráveis? É possível a entrega ao deleite de ser possuídos pelo erotismo, sedução e encantamento dos rituais africanos e, simultaneamente, o voltar-se para a própria interioridade, para o âmago da própria humanidade em busca de uma visão inspirada, em busca de imagens arquetípicas, evitando fantasias quiméricas, promissoras de degradação espiritual?

Afinal, estando em templos de Orixás, em terreiros e barracões, pode-se experimentar nuances da verdadeira vida imaginativa. Não estar ali para alimentar fantasias quiméricas e sim para trilhar o caminho da Verdade.

Reconhecido o fato de não estarmos inteiramente protegidos dos efeitos da cultura da demonstração, da encenação e da oferta de bens de consumo ao transitarmos em espaços religiosos, talvez possamos concluir provisoriamente este artigo, lembrando o alerta de Baudrillard¹⁷: a cultura da demonstração opõe-se a dinamismos da sedução, parte essencial do erotismo. À sedução, regida pela ordem do mistério, fica reservada uma possibilidade de tocar a esfera do Sagrado. Por isso é recomendável ouvir-se, fechando e reabrindo os olhos, atento às manifestações do erotismo sagrado nos rituais e na esfera da própria subjetividade.

¹⁷ BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. 7 ed. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 9.

Bibliografia

AWOLALU, Joseph Omosade. What is African Traditional Religion? *Studies in Comparative Religion*, Vol. 10, No. 2. (Spring, 1976). Disponível em: <www.studiesincomparativereligion.com>. Acesso em: 16 set. de 2016.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&M, 1987.

BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. 7 ed. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 2008.

DIAZ, Ricardo Borys, RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. Ifá-Orunmilá em Cuba e no Brasil. In: PINTO, Elisabeth (org.). *Religiões, Tolerância e Igualdade no Espaço da Diversidade* (Exclusão e inclusão social, étnica e de gênero). São Paulo: Fala Preta! Organização de Mulheres Negras, 2004.

FERNANDES, Alexandre O. Um Corpo/Corpus para Exu: Nem Eros, nem Tântatos, nem Apolo, nem Dionísio. *Rev. Nures*, Ano VIII, Número 21, maio-agosto, 2013.

FRIAS, Rodrigo Ribeiro. Prefácio à 2ª Edição. In SÀLÁMÌ, Síkírù (King); RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Exu e a ordem do universo*. 2 Ed. São Paulo: Oduduwa, 2015.

LUCCHESI, Ivo, apud SILVA, Roniê Rodrigues da. O erotismo, a sedução e o sagrado em fundador de Nélida Piñon. *Revista Estação Literária*. Londrina, Vol. 13, p. 92-102, jan. 2015.

MBITI, John Samuel apud AWOLALU, Joseph Omosade, op. cit., p. 16.

SÀLÁMÌ, Síkírù (King); RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Exu e a ordem do universo*. 2 Ed. São Paulo: Oduduwa, 2015.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Oduduwa Templo dos Orixás*. Território de entrelaçamento de religiões brasileiras de matriz africana. Publicação eletrônica. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/abhr>>. Acesso em: 22 out. de 2016 e em RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Varandas e vizinhanças: desafios ao diálogo entre religiões brasileiras de matrizes africanas*. Relatório Final de Pesquisa. São Paulo, UNIP, maio 2014.

VALENÇA, Ana Maria Macêdo. Um olhar sobre o erotismo. *Rev. Bras. de Sexualidade Humana*, vol.5, n. 2, jul – dez 1994. Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana – SBRASH, pp. 147-159.

ZOLLA, Elemire. *The uses of Imagination and the decline of the West*. Ipswich, Golgonooza Press, 1978.

Ronilda Iyakemi Ribeiro: Etnopsicóloga. Doutora em Psicologia e em Antropologia da África Negra (USP). Pesquisadora da UNIP e Prof. Senior da USP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos Transdisciplinares da Herança Africana (CNPq-UNIP). Membro do Grupo de Trabalho Psicologia e Religião (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia) e do Coletivo Coalizão InterFé em Saúde e Espiritualidade. Representante da UNIP no Fórum Inter-religioso para uma Cultura de Paz e Liberdade de Crença (SJDC-SP) e no Fórum Brasileiro Ciência, Laicidade, Religião-Espiritualidade, Saberes Tradicionais e Novas Epistemologias (LAICRES). Patronesse do Egbé Omó Oduduwa no Brasil. Ialorixá (Religião Tradicional Iorubá).

Artigo recebido para publicação em: Maio de 2017.

Artigo aprovado para publicação em: Junho de 2017.